

Entre o efêmero e o burocrático

Usando chavões como modernidade e ecologia, os tecnoburocratas não vêem vida na arte

Mollica



Com a mudança da "corte" para Brasília, o Rio foi perdendo a majestade, e com ela foi-se o mecenato oficial. Enquanto isso, a burguesia provinciana endinheirada não perdeu tempo e foi transformando São Paulo, Belo Horizonte, Curitiba, Teresina e o resto em importantes centros culturais, investindo pesado. Ficamos a ver navios, entre *show-mícios*, campeonatos de cuspe a distância e outros rebolados de massa, a típica cultura de lanchonete com vista para a vitrine. Ficar longe da indústria de espetáculos é o fim: universidades, escolas, museus, centros de pesquisa, bibliotecas, orquestras e outras instituições "não lucrativas" ficam no completo abandono. Os governos nem se tocam, mais preocupados com os dividendos políticos imediatos e enveredam pelo mito carnavalizante da imagem moderno-sa-popular-jovial. Gastam, generosamente, seus recursos nas efemérides de ocasião, pesquisas de araque, e *superstars* de plantão. Resultado: marginalidade em nosso estado não é privilégio só de bandido. É *status* também de professores, intelectuais e artistas não "aproveitáveis" pela burocracia cultural, que na sua ignorância proverbial paternaliza a ignorância em massa, maquiada de vanguarda e cosmopolitismo. Nada mais provinciano. É nesse triste contexto que se pretendeu dar cabo da Escola de Artes Visuais do Parque Lage por meio da ação de despejo impetrada pelo Ibama. Nada mais coerente para uma tecnoburocracia estamentária que assola o país desde suas origens ibéricas. Mais uma vez estamos ouvindo falar em *modernidade*, *futuro* e outros chavões de sempre, e agora na sua versão mais atual, a *ecologia*, palavras que reafirmam a velha lei do eterno retorno ao passado colonial.

Por favor, senhores ecólogos tecnocratas, preservem a vida do que ainda sobrevive no Rio de Janeiro, deixem viver não só para mais 10 anos, mas para sempre a arte no Parque Lage.